

Projeto: Parada da Leitura - Uniaraxá

O UNIARAXÁ desenvolve desde 2017/2, em todos os semestres, a “Parada da Leitura”, um Projeto que busca despertar e incentivar o gosto pela leitura cotidiana, como um importante instrumento na formação acadêmica e humana dos alunos. Na sua culminância, entre outras atividades, é realizada a “Olimpíada de Redação”, referente ao livro ou autor que serviu de tema para a mesma.

O Eixo Temático da edição VIII da Parada da Leitura foi o livro “Ensaio sobre a cegueira” de José Saramago.

Vejam os textos vencedores:

1º. LUGAR –

CRISTIANE MARQUES CARVALHO TRANSFERETTI – 9º DIREITO

Os verdadeiros cegos são aqueles que se permitem cegar, cegos que veem e não querem reparar o que os olhos contemplam; olhos que só conseguem contemplar o que a alma carrega ou que, sedenta, conclama. A cegueira torna-se contagiosa a partir do momento em que permitimos que os nossos olhos se fechem para as situações que estão ao nosso redor. Assim como disse a rapariga de óculos escuros, “o medo cega”, mas medo de quê? Talvez seja o medo de conhecer o seu íntimo, olhar para si e “reparar” como anda sua essência. O medo de não conseguir dar à sociedade o que ela espera de nós, o medo de não ser melhor do que a mídia nos apresenta. Mas, se estamos cegos, porque estamos cegos como um “mar de leite”? Por mais que estejamos cegos, a cegueira não é totalmente escura, ainda há algo bom dentro de nós, nenhum homem nasce totalmente mau. No momento em que estamos vivendo, quem vê, são somente aqueles que se fazem cegos, assim como a mulher do médico, que se passou por cega, com o intuito de conduzir o rebanho, ajudando-os a lutar e a sobreviver, ajudando a todos, por amor. Ela era a única que ainda enxergava, não por ser a única que não se contaminou e sim porque não se permitiu contaminar pelo ódio, pela avareza, pela concupiscência e pelo materialismo. Havia algo diferente que lhe permitia ver: o amor ao próximo, a bondade e a luz que havia verdadeiramente dentro dela. A cegueira branca talvez seja a pior que exista, porque faz com que o cego acredite que esteja coberto de razão, em uma época em que carneiros são lobos. Entregar-se aos prazeres do nosso ego e aos carnavais torna-se mais fácil que abrir os olhos para vermos a realidade ao nosso redor. Tratar o próximo com amor e não como mercadoria, não importa a escolha que outro faça da vida dele, pois ele nunca deixará de ser humano e necessita ser visto como é. Ter empatia, só assim, nossos olhos continuarão a ver e, só assim, não seremos “cegos que, vendo, não veem.” Temos que olhar para dentro de nós e não para o outro, enxergar a nossa luz e não a escuridão no outro. Se reconhecermos que somos todos iguais, construiremos uma sociedade equilibrada e mais justa. A cura para a cegueira é o amor!

2º. LUGAR

MARIA BEATRIZ MACHADO DOS SANTOS - 9º DIREITO DIURNO

Como não ter a sensibilidade para ver a vida de forma notória, inusitada e desafiante? A cada momento se proclama a necessidade de se manter acordado e atento para as grandes mudanças apresentadas ao redor de cada realidade vivida, de cada dor suportada e de cada alegria comemorada. No entanto, ainda assim, a cegueira avassaladora da humanidade insiste em fazer morada em meio à evolução em que se encontra o mundo. Os sentimentos se encolhem, se invertem e criam um conceito novo, árido, seco e distante. As pessoas não conseguem ser flexíveis e veem tudo por um único ângulo, rejeitando a exclusividade existente em cada ser, em cada olhar, em cada pensamento e em cada sonho. Limitam-se a enxergar o lado pior das pessoas, das coisas e da existência, ou seja, são cegos que enxergam mas não veem, porque o essencial é pra ser visto, notado, enxergado, percebido. Os olhos, se abertos, são espelhos que refletem a verdade e, quando se fecham, causam trevas e transformam vidas em escuridão. É notório que cada pessoa tem qualidades, tem bondades, tem amor, tem sonhos, vontades escondidas, porque são humanas. O humano precisa ser descoberto dentro de cada pulmão que respira, de cada sentimento guardado em um coração que pulsa. Cegueira é quando cada um se move em direção aos seus anseios individuais e não dá um passo em direção ao próximo, para investigar a visão da pobreza, da fome e da exclusão. Como já dizia José Saramago: “Por que foi que cegamos, não sei, talvez um dia chegue a conhecer a razão, queres que diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem”. Ademais, existe uma mobilização, uma comoção em momentos catastróficos. É bonito perceber que as pessoas se comovem, unem as mãos e se solidarizam, tornam-se humanas e voltam a enxergar nesses momentos, o que não deixa de ser, realmente, muito nobre. Uma pena que isso passe rápido. E logo começam a fechar os olhos novamente e a cegueira é implantada. E a essa distância, um fato novo antecede ao tempo e dita uma nova ideia de mundo. Todos estavam acometidos pela cegueira infinita do egoísmo, do ódio e do desamor e, de repente, são afrontados para mudarem de posicionamento, porque as brigas se tornaram desnecessárias, as crises afetivas deram lugar à saudade de abraços e de sorrisos, pois as máscaras se materializaram e esconderam o sorriso. Um grito tenebroso e forte se faz ouvir por todas as nações: O mundo está em pandemia! Que terror! Agora, o distanciamento é real, necessário e obrigatório. Onde estavam as pessoas que não viam o valor de um encontro, de um abraço e de uma rotina maravilhosa? Mas, onde estavam todos que não viram e nem perceberam que a vida estava perfeita e que, simplesmente, o amor era a solução? Onde as pessoas guardavam seus verdadeiros sentimentos quando a purpurina lhes roubava o brilho interior? Os dias não são os mesmos, a rotina de todas as pessoas mudou, as crianças sofrem o impacto monstruoso desse momento vivido. Estamos a perecer? Ou estamos a nos transformar? “...cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança” (José Saramago). E só agora as pessoas começam a enxergar, saem de um estado de cegueira e notam que o sentido da existência é estar

próximo de pessoas, de afetos, de encontros, de risos largos e verdadeiros. O viver precisa ser uma festa todos os dias! Precisa ser celebrado ao levantar e comemorado ao deitar! Que cada um possa abrir os olhos, colocar lentes de contato, não pra ver o que os olhos enxergam, e sim o que o coração expressa, o que alma almeja e o que o mundo realmente carece. O mundo precisa de amor, uma pandemia de luz, muita luz! É certo que: “...sem futuro, o presente não serve para nada, é como se não existisse, Pode ser que a humanidade venha a conseguir viver sem olhos, mas então deixará de ser humanidade” (José Saramago).

3º. LUGAR

VEBER RENATO DE ANDRADE JÚNIOR- 6º CIÊNCIAS CONTÁBEIS - EAD

Em uma crítica extremamente atual, Saramago nos incita a refletir sobre a forma como filtramos o conteúdo que nos é apresentado no dia a dia. É essencial observar o quão similar a “cegueira” pode ser observada na atual conjuntura social durante a pandemia. O autor nos convida a refletir acerca do altruísmo e da empatia, qualidades essas apresentadas pela personagem da mulher do médico, e essenciais para combater os males causados pela cegueira. A cegueira branca, doença centro de sua narrativa, é intencionalmente subentendida como resultante da conjuntura social à qual somos submetidos. Saramago diz que “A pior cegueira é a mental, que faz com que não reconheçamos o que temos pela frente” e, diferentemente da cegueira comum, a cegueira branca reforça o pensamento de que a enorme quantidade de informação a que estamos expostos e a forma como as valorizamos, pode vir a nos cegar. Através dela, o homem passa a não enxergar claramente os fatos, podendo facilmente abrir mão da realidade em que vive, para experienciar apenas uma narrativa, geralmente a que melhor o favorecer. Isso causa, assim como retratado no livro “Ensaio sobre a Cegueira”, atitudes ego-cêntricas e mesquinhas. Imediatamente, é impossível não fazer o paralelo com a sociedade atual. As informações não raramente são sobrepujadas por inverdades, especialmente criadas para reforçar um tipo de pensamento que melhor convém a um grupo, naquele momento. Principalmente durante a pandemia, é possível ver que as pessoas, ainda que bem informadas, muitas vezes são alvo dessa narrativa, ocasionando desinformação e injustiças. Aqui, os indivíduos, persuadidos por inverdades, passam a ter atitudes dignas de animais de manada. É essencial o combate a essa cegueira. Assim como a personagem principal supracitada, é necessário, além do devido filtro de informações, o esforço da complacência e do afeto pelo próximo. Ainda que seja algo difícil de alcançar, como o próprio autor ressalta, quando diz que “o difícil não é ter que viver com as pessoas, o difícil é compreendê-las”. É fundamental o olhar positivo, afetuoso e o diálogo, a fim de obtermos uma sociedade melhor e menos cega.